

Bibliografia

JANE AUBERT — *LA COURBE D'OFFRE* — Teriam as mulheres economistas aptidões especiais para o estudo das difíceis questões da formação de preços? Poder-se-ia acreditar que sim, uma vez que, após os trabalhos de Mrs. JOAN ROBINSON, a quem devemos *The Economics of Imperfect Competition*, surge um notável estudo de Mme JANE AUBERT sobre a oferta. A obra é apresentada por interessante prefácio do Professor EDWARD H. CHAMBERLIN.

A existência da curva da oferta e sua utilidade — tais são os dois principais pontos examinados em cada um dos três grandes regimes de preços: o monopólio, a concorrência pura e a concorrência monopolística. O estudo é conduzido segundo a perspectiva marshalliana, a princípio, em curto período, depois em longo período. A terceira distinção que dirige o plano se refere aos bens reprodutíveis e aos bens não reprodutíveis. Não obstante a complexidade dos problemas abordados, a obra é lida com facilidade. Nada é deixado ao acaso: as hipóteses são cuidadosamente analisadas e cada caso particular é nitidamente caracterizado. O leitor se deixa facilmente seduzir tanto pelo rigor lógico dos desenvolvimentos quanto pela precisão, concisão e elegância do estilo.

JANE AUBERT considera o monopólio o regime fundamental, de modo que, em primeiro lugar, é dêle que se deve construir a teoria. E' — diz a Autora — o caso mais simples, porque engloba o indivíduo, o ramo, a empresa e a indústria. Os princípios, ela os procura nesse regime e, em seguida, estuda como se processam nos outros casos, concorrência pura e concorrência monopolística. Era êste, aliás, o método de COURNOT. Mas seu exemplo permaneceu, muito tempo, sem éco. WALRAS raciocinava em sen-

tido inverso e sua influência prevaleceu: depois dêle, tornou-se clássico construir, inicialmente, a teoria da livre concorrência para deduzir-se, em seguida, a teoria do monopólio. A mudança de atitude, isto é, a volta ao método de COURNOT, operada por JEAN AUBERT, é tanto mais interessante quando se verifica que ela não está sôzinha. Quase ao mesmo tempo e independentemente dela, dois economistas, H. GUITTON e G. T. GUILBAUD, adotavam uma posição análoga (1). Estudando o problema da determinação dos preços, é no monopólio bilateral que êles descobrem os princípios de determinação válidos para todos os regimes de mercado. Para êles a livre concorrência e os outros regimes são casos particulares, que se deduzem facilmente e diretamente do regime simples e fundamental que é o monopólio bilateral.

No caso de um estudo da curva da oferta, havia uma especial dificuldade em fazer do monopólio a hipótese fundamental. Era a própria posição assumida pelo Professor CHAMBERLIN — embora êle admita que se possa construir uma curva de oferta do monopólio, contesta que ela tenha qualquer importância para o monopolizador ou outra pessoa. Segundo êle, o preço de equilíbrio é determinado por outras forças e num ponto que a curva da oferta não atravessa nunca. JANE AUBERT admite, ao contrário, que existe, efetivamente, uma curva da oferta desempenhando um papel essencial na formação dos preços de monopólio. Estaríamos, então, em presença de uma oposição irreduzível? O Professor CHAMBERLIN adverte-nos, porém, que não se trata disso: na realidade, a curva da oferta que êle tomou em consideração não é aquela de que JANE AUBERT se serve. Êle se prende às quantidades realmente oferecidas, que dependem da procura real, enquanto que a curva da oferta de que trata a Autora é por ela deduzida da curva da procura *virtual*, quer dizer que ela integra as previsões na teoria. Há algum progresso? E' provável, porque JANE AUBERT se desprende, assim, do postulado inverossímil de que o monopolizador possua um conhecimento perfeito do mercado e proceda em consciência (2).

Na teoria clássica, a oferta estava estreitamente ligada ao custo, e, em A. MARSHALL, acontecia que as duas noções se iden-

(1) H. GUITTON e G. TH. GUILBAUD — *Déterminisme et marché* — Revue d'Economie Politique, outubro de 1946, págs. 409-436.

(2) JEAN MARCHAL admite a validade desta argumentação, a que êle adita interessantes notas. Cf. *Le Mécanisme des prix*, Paris, 1948, págs. 278-282.

tificassem. JANE AUBERT estabelece a sua distinção desde a introdução e, para cada situação, indica, com clareza, as relações que existem entre êstes elementos. Os economistas admitem, hoje, que as curvas de custo e as curvas da oferta, embora coincidam, algumas vêzes, são, na realidade, coisas diferentes e o Professor CHAMBERLIN, no prefácio da obra, tira uma interessante conclusão: visto que a oferta é distinta do custo, pode acontecer que um preço, que, em estado de equilíbrio, seja igual ao custo ou determinado por outros fatores, não realize a igualdade entre a oferta e a procura. No seu entender, J. M. KEYNES não precisava dar-se a tantos cuidados para demonstrar a possibilidade de um equilíbrio do sub-emprego. “Argumentos elaborados e artificiais” — escreve o Professor CHAMBERLIN — tentativa ilusória para escapar a uma lei de *oferta e procura* que, em primeiro lugar, não existia nesse domínio.” E prosseguindo: “trata-se tão simplesmente de um preço (o salário, neste caso) que não é determinado por uma tal lei e, por conseguinte, não é caracterizado por esta equação. Um equilíbrio perfeitamente *estável* é compatível com um excesso da oferta sobre a procura (chômage) se as leis que governam os salários não compreendem, de modo nenhum, uma que exija que a oferta e a procura sejam igualladas.” Para nós, isto significa que a análise microscópica encontra uma das conclusões a que J. M. KEYNES chegou sobre o plano das quantidades globais. Uma síntese está em vias de constituição entre dois aspectos da teoria econômica que, por um momento, poderiam parecer separados.

Faculdade Nacional de Ciências
Econômicas, da Universidade
do Brasil

Léon Buquet